



## ARTE E IMAGEM NA (RE)CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE RONDÔNIA

Maria Rita Berto de Oliveira<sup>1</sup>  
Miguel Nenevé<sup>2</sup>

**RESUMO:** O intuito deste artigo é analisar algumas fotomontagens que estão sendo veiculadas na internet. O autor ou autores das imagens (não se sabe ao certo) utiliza-se do escárnio e do deboche, brinca com o imaginário fértil dos estrangeiros sobre a Amazônia. Nesse sentido, e interagindo com os estudos pós-coloniais a análise se dará com a intenção de desvendar os melindres do discurso colonizador nas referidas imagens.

**Palavras-chave:** Colonização, Rondônia, estrangeiro, imagens.

**ABSTRACT:** In this article we propose explore some photographic assemblages that have being broadcast on the internet. The author or authors of the images (we do not know for sure) uses the scorn and mockery, jokes with the foreigners' fertile imagination on the Amazon. In this sense, and interacting with postcolonial studies, through our investigation we aim at unraveling the squeamishness of the colonial discourse visible in those pictures.

**Keywords:** Colonization, Rondônia, foreigner, images.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia. Professora do Instituto Federal de Rondônia - maria.rita@ifro.edu.br

<sup>2</sup> Doutor em Letras (Inglês e Literaturas Correspondentes) pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da Universidade Federal de Rondônia. Campus de Porto Velho/RO. Brasil - nenevemi@gmail.com



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Não se trata de uma constatação, mas de uma perscrutação sobre o viver rondoniense, mais precisamente em Porto Velho, a capital do estado, nos anos dois mil, de 2010 a 2012. De como essa região foi sempre rentável para o país em épocas distintas, com os mesmos discursos do progresso e do desenvolvimento.

Este artigo tem o objetivo de analisar o discurso difundido por meio de imagens lançadas na internet com os dizeres “Em Rondônia é assim”, nas quais o autor fez fotos de situações que seriam consideradas absurdas e com um tom de deboche, escarnece dos discursos irônicos e selvagens que veiculam no resto do país, sobre o Estado de Rondônia.

Rondônia é um estado brasileiro situado na região amazônica, ao sul do estado do Amazonas. Possui cerca de 1.562.409 habitantes, conforme senso do IBGE em 2010, sendo que a população aumentou nos últimos três anos devido à construção de duas usinas hidrelétricas no Rio Madeira.

A história de Rondônia é formada por ciclos de crescimento/desenvolvimento econômico e de decadência. Na década de oitenta, foi a febre do ouro que atraiu gente de toda parte do país com promessas de riquezas, resultou na poluição dos rios. Paralelamente ao ciclo do ouro, veio também o da cassiterita e as minerações que se estabeleceram “gerando”, conforme o discurso político “emprego” e “renda”.

Neide Gondim, em *A invenção da Amazônia*, cita a *Mundus Novus* (1503) quando diz que:

O fascínio da visão inaugural completa-se com o prodígio da terra e a temperança do ar. Terras e céus – o alto e um todo harmonioso de vales, rios, montes, selvas, fontes, colinas, distribuídos em espaços ilimitados, ocupados por homens, feras, raízes curativas e alimentícias, mares piscosos, árvores frutíferas, ouro, pérolas. (GONDIM, 1994, p.9).

Essa visão inaugural, na qual a terra era uma terra de abundância, desde as primeiras explorações, passando pela Serra Pelada com seu ouro, o “*estoque de índios*”



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

para servirem de escravos, a produção da borracha, o garimpo do Madeira, permeou e permeia o imaginário do mundo inteiro através das produções fotográficas e dos escritos de exploradores e pesquisadores desde tempos remotos.

As imagens, objeto da análise, mostram sob a ótica do forasteiro o quanto a região e as pessoas que a habitam são inóspitas e selvagem para quem não as conhece, ou tem uma visão de civilização pautada nos modelos das civilizações avassaladoras do meio ambiente. Entre as décadas de 60 e 80, as palavras “progresso” e “desenvolvimento” era constantemente associadas a imagens de árvores sendo derrubadas para a construção de estradas, plantio de lavouras e construção de cidades.

A construção das usinas do Madeira para a geração de energia elétrica para exportar para outras regiões do Brasil é o momento da produção desse artigo e pode-se notar que as mesmas palavras “progresso” e “desenvolvimento” agora são veiculadas pela mídia, ora para denunciar as queimadas e a devastação sofridas pela ação do colonizador, ora para em nome de um Projeto Nacional expor os benefícios que a região oferece como última fronteira do capital. Nesse ciclo de explorações busca-se retratar a visão do Rondoniense, de como ela tem se manifestado na mídia e circulado pelo país com a finalidade de divulgar a opinião do nativo, ou daqueles que adotaram Rondônia como sua “terra”.

Conforme Entrikin (1980, p.19), “Regiões, do mesmo modo que lugares, são centros de significado humano. O conceito de região sugere laços emocionais mais tênues por causa da escala do conceito, e a ausência da experiência direta de uma região”, dessa forma é possível compreender o apelo emotivo do contra discurso apresentado de forma lúdica nas fotomotagens analisadas neste trabalho.

Os discursos sobre a Amazônia, e aí encaixamos Rondônia, revelam uma visão caótica, sem nexos, impregnada de um discurso colonizador, classificador da região.



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Nem descoberta, nem inventada, mas construída, fabricada, obra constantemente refeita sobre o ofício de ingênuos ou engenhosos artífices e traficantes do imaginário, a Índia nos lembraria, se assim fosse necessário, que a observação é filha da memória e que o espantoso retira seu sabor da repetição insaciável do ouvir dizer. (GONDIM, 1994, p.19).

Rondônia, como toda a Amazônia, tem sido ao longo da história palco de aventuras, sonhos, devaneios e pesadelos dos aventureiros que buscam aventuras, riquezas e exotividade, como sugere Gomes essa rede simbólica perpassa o imaginário desde as imagens fantasiosas descritas pelos cronistas ao citar a Amazônia e suas peculiaridades.

[...] a paisagem, a região e os lugares, a despeito de suas características físicas, apreendidas imediatamente, são, de fato, estruturados por uma rede simbólica complexa. Esta rede é composta de valores, de representações, de imagens espaciais vividas e, para ser percebida, demanda um trabalho de interpretação aprofundado. (GOMES, 2000, p. 322).

As fotomontagens são divulgadas pela internet e são imagens de situações que associam natureza e animais da fauna e da flora de forma irônica e lúdica, nas quais o rondoniense faz coisas incríveis, inimagináveis, mas que na cabeça do “outro” é possível sim, imaginável e, porque não dizer, real. Essas fotos e os comentários fazem parte de uma estratégia já utilizada pelo cinema, conforme citação abaixo, já compuseram produções famosas e documentários realizados ao longo dos tempos.

“O cinema é, por excelência, o olhar privilegiado do século XX. Nas cinematecas do mundo inteiro encontra-se a memória de nosso tempo, parte do inconsciente coletivo. Os filmes de *Tarzã, o Rei das Selvas*, as *Piranhas Assassinas*, os documentários do tipo *Mundo Animal* e *Jacques Cousteau* são montados em nossa memória junto com filmes do gênero *Aguirre, Fitzcarraldo, Iracema, Bye Bye Brasil* e mais o bombardeio de reportagens nos telejornais: cólera, malária, enchentes, garimpos, índios, assassinatos, jacarés, invasão de terras, queimadas, narcotráfico...” (MICHILES, 1992, p. 58).



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

O autor ou autores das fotomontagens assume uma postura descolonizadora, como se estivesse com um caldeirão à sua frente e nele colocasse todos os ingredientes que definem Rondônia e a região amazônica. Numa rede de situações criadas entre a Amazônia que foi “fabricada” pelo discursos e a temática da colonização e da descolonização, encontrou terreno fértil para manipular as imagens com recursos da informática e transformou-as em matéria-prima à serviço da descolonização.

**Rondônia: o olhar autóctone versus o olhar do forasteiro**

Rondônia tem atraído economicamente pessoas de todos os lugares do país e do mundo e tem sido ao longo do tempo vítima do que ela tem de mais precioso e especial – sua exuberância e riqueza. O desenvolvimento econômico e social nas últimas décadas e os esforços do governo para povoar o “vazio demográfico” que é a Amazônia teve e tem mais ônus que bônus para a região e o povo nativo.

A propaganda governamental por meio do IBGE, livros didáticos e da mídia, foi uma das vertentes que contribuiu para a formação do imaginário brasileiro sobre a região, principalmente no governo de Getúlio Vargas e no período militar, onde a ordem era “Integrar para não entregar”, referindo-se à Amazônia, na ideia difundida de que havia um vazio demográfico precisando ser povoado.

Os modelos de desenvolvimento e de “civilidade” tentados para Rondônia beneficiaram e continuam beneficiando o país, mas causam ao estado prejuízos na natureza, colocando a preservação ambiental em cheque. Destrói a natureza, desenraiza comunidades e não trazem o “progresso” tão falado e ainda aumenta a desigualdade social e a destruição da fauna e floras e os recursos naturais em nome de um



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

imediatismo exacerbado que o capitalismo prega. Exemplo disso é a construção das usinas hidrelétricas do Madeira, Jirau e Santo Antônio, que iniciaram em 2010 com previsão de término em 2014, que tem a finalidade única de sustentar o “progresso” do resto de um Brasil industrializado, desenvolvido, se comparado à região amazônica.

O período de formação da região de Rondônia e a forma como isso se dá na mente do brasileiro e de como essa concepção vai mudando ao longo do tempo à medida que ele vai se tornando independente das outras regiões.

Marechal Rondon entra em Rondônia com a missão de colocar a linha telegráfica e a área ao longo da BR 364 ainda não estava povoada, segundo os discursos do governo da época. O discurso político dissemina a ideia de um vazio demográfico para justificar, pelo viés científico, a ocupação da região nos anos subsequentes.

Rondônia é um território de encontros que foi forjado ao longo das décadas de 1910 a 1940 com o intuito de levar/trazer brasileiros e a presença do Estado para a região. Getúlio Vargas disseminava a ideia de que “é preciso redescobrir a Amazônia” e ainda hoje o discurso do governo é o mesmo, de redescobrimto da Amazônia que vem impregnado dos dizeres do progresso.

O imaginário popular sobre Rondônia e a região amazônica como um todo é cheio de fantasias como podemos constatar no discurso de Neide Gondim em *A invenção da Amazônia*. As histórias fantásticas do antimundo são povoadas do imaginário europeu. A Amazônia é apresentada no imaginário popular como sendo uma região cortada por grandes rios e florestas monstruosas – a Hiylaea encantadora, de Alexander von Humboldt, “A Selva”, de Ferreira de Castro. O “Inferno Verde”, de Alberto Rangel, “A terra à margem e sem história” de Euclides da Cunha e a “Invenção”, de Neide Gondim. Trata-se agora de uma releitura da região amazônica com os olhos da modernidade, do nativo que se cansa de ser estereotipado e parte para a



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

ofensiva de uma maneira bem-humorada.

Magali Franco Bueno, em sua dissertação de mestrado intitulada de O Imaginário brasileiro sobre a Amazônia: Uma leitura dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da Mídia impressa, afirma que:

Constatou-se que, no Brasil, a percepção predominante de Amazônia é a da paisagem da floresta e que as visões endógena e exógena são dissonantes. A domesticação da natureza é um elemento presente nos discursos externos sobre a região, nos quais prevalecem dicotomias como paraíso/inferno e civilização/barbárie. A visão interna é heterogênea. Entre moradores tradicionais não existe uma concepção sobre Amazônia, pois não há o distanciamento necessário para a construção desse conceito. Prevalece, neste caso, o reconhecimento e a identidade com os lugares, que são diretamente experienciados. (BUENO, 2002, p. 5)

Segundo Magali, a visão externa que foi resgatada a partir do discurso exógeno não leva em conta o discurso endógeno elaborado pelos protagonistas que vivem na região. A visão retratada neste trabalho é a exógena a partir de uma (re)visão endógena, ou seja, o regional caricaturado pelo protagonista da região, fazendo com que o interlocutor se aperceba do quanto é absurdo o imaginário idealizado nos discursos veiculados.

Destarte, a população local composta por indígenas, caboclos, seringueiros, imigrantes de toda parte do mundo e garimpeiros deixaram as marcas de sua passagem e permanência pela região, espaço de busca de melhoria de vida. Tais pessoas criaram vínculos com a terra tal qual os nativos e criaram uma resistência ao ocupar esse espaço estabelecendo relações de identidade com o local.

O discurso fotográfico/legenda pode ser analisado como um processo geral de apreensão que se dá inicialmente com um olhar que percorre a imagem, buscando uma

compreensão imediata, num segundo momento lê-se a legenda, buscando formular um sentido; e finalmente retorna à imagem para tirar uma conclusão da cena.

A seguir, exporemos seis das figuras encontradas e utilizadas como *corpus* na análise:

A figura 1 mostra um pirarucu de aproximadamente três metros pendurado numa árvore e a mensagem é aclarada logo em seguida pela legenda: “*Lá em Rondônia é assim... porque pescar sardinha é para os fracos*”. Com isso quer-se transparecer que o rondoniense é acima de tudo um forte, um bom pescador e que na região os peixes são desconumais.

O filme Anaconda, uma produção norte-americana de 1997, filmado na floresta Amazônica, cujo enredo é a produção de um documentário sobre uma tribo indígena chamada Shirishama, que vive perto de Manaus, possivelmente tenha colaborado para a construção do imaginário da fotomontagem “*Em Rondonia é assim: porque tomar banho com patinho de borracha é para os fracos*”. Na figura 2, a cobra que aparece na fotomontagem é uma sucuri, cobra-símbolo da fauna amazônica por excelência.

Com muito bom humor o Rondoniense faz alusão ao suposto estilo de vida do morador da Amazônia, local que no imaginário dos habitantes do sul/sudeste é inóspito, exótico e selvagem “onde apenas os fortes sobrevivem” e apresenta na figura 3 uma criança fotografando um jacaré como se estivesse brincando com um amiguinho.

Continuando os exageros, na figura 4 uma onça pintada serve de travesseiro para o descanso do rondoniense tranquilo com os dizeres: “*Em Rondônia é assim, porque puf é para os fracos*”. Trata-se de uma releitura do discurso que empresta à fauna e à flora, formas estereotipadas como a “flor de dois metros de diâmetro”, o “peixe-boi que tem o peso de sete homens.

As figuras 5 como não poderia deixar de ser, enaltece o homem rondoniense quando este se barbeia com um moto-serra no lugar de usar um barbeador como todos

os demais e a 6 coloca um jacaré, no bom estilo do filme *Tubarão* para “correr” do homem que estava em uma canoa na beira do rio.

Todas as produções possuem um cunho fantástico e bastante exótico, tendendo para o surreal, buscando fazer a imaginação fluir numa representação de uma parte da nação brasileira em busca de seu próprio caminho, Rondônia é uma síntese da Amazônia, de seus costumes, de seu folclore, de sua natureza, de suas contradições.

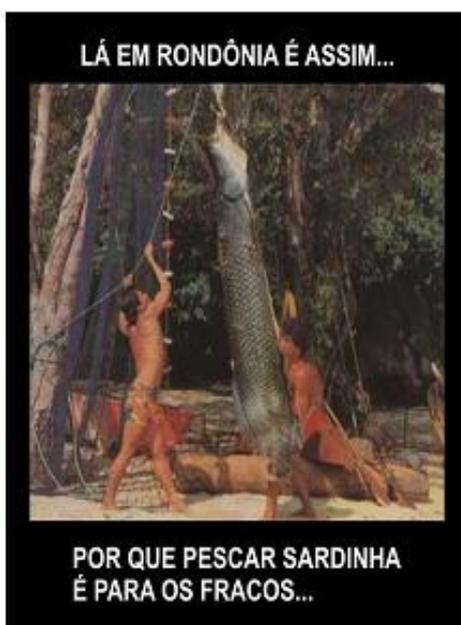


Fig. 1

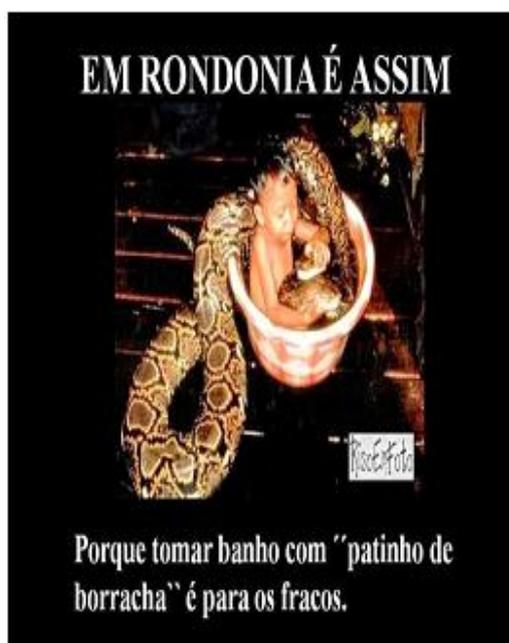


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Além destas fotomontagens, há muitas outras, nas quais a criatividade é explorada nessa nova modalidade de discurso e que veicula por toda a rede mundial de computadores.

### **Considerações finais**

As imagens veiculadas são fotomontagens feitas com a intenção de debochar do estereotipo criado pelo imaginário popular alimentado desde épocas remotas em que os viajantes, cronistas e desbravadores europeus começaram suas empreitadas aventureiras na região amazônica. A fronteira é imaginária e o discurso é mais cultural que político. O discurso político é outro, o do progresso, do desenvolvimento, da riqueza veiculados por grupos de humanos que não se identificam com o espaço amazônico.

Dessa forma, as imagens são uma forma hilária de desconstrução discursiva, uma tentativa de desconstruir a imagem que o “outro” tem das pessoas da região que foi impregnada no imaginário e deixa muitas entrelinhas. Da mesma maneira que os primeiros colonizadores que aqui chegaram e levavam as notícias para a Europa, principalmente nas cartas *mundus novus* citadas por Neide Gondim e que tem a comparação com a Índia na sua descoberta: [...] “é uma alusão à natureza monstruosa do “selvagem”, de seus costumes “bárbaros”, fundidos – homem e besta – no mesmo espaço familiar. O que não deixa de ser uma imagem dupla do europeu diante do outro”. (GONDIM, 1994, p. 56).

Embora haja uma visão homogeneizadora sobre a Amazônia, ela é muito complexa devido à extensão da região e à diversidade de sua gente. Não se pode homogeneizar algo tão grandioso tanto em extensão de terras, quanto em diversidade populacional. A palavra “Amazônia” é de uma polissemia extremamente massificada, a



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

ponto de ser capaz de remeter praticamente qualquer pessoa, nas mais variadas regiões do planeta, a uma imagem.

O imaginário sobre Amazônia que povoa hoje as mentes de brasileiros e estrangeiros, ao nível do senso comum, encontra referência nos meios de comunicação e na percepção que estes transmitem. Essas noções são frutos da reelaboração feitas por jornalistas, de pontos de vista anteriores, algumas delas com origem também em imaginários mais distantes, como na *Lettera*, citada por Neide Gondim: “Encontramos nela a mais bestial gente e a mais feia que jamais se viu, e era desta sorte. Eram de gesto e rosto muito feios; e todos tinham as bochechas cheias por dentro de uma erva verde, que continuamente ruminavam, como animais...”.

A constante reelaboração discursiva sobre a Amazônia tem sua origem nos textos criados pelos cronistas viajantes. Essas foram recriadas por relatos como esses acima citados por Gondim, os quais produziram imagens sobre a Amazônia no início deste século. Dessa forma verifica-se que a reelaboração das fotomontagens apresentadas no trabalho acompanham a época do “novo-mundo”, no entanto a releitura agora é para o (des) centramento do pensamento distanciado dos sujeitos que compõem o cenário de desenvolvimento da região.

Apesar da consciência sobre a Amazônia ser profundamente marcada pelos diferentes discursos, esses continuam sendo produzidos e reproduzidos em torno do imaginário popular, inclusive pelos livros de geografia e didáticos, conforme afirma Bourdieu:

O efeito simbólico exercido pelo discurso científico ao consagrar um estado das divisões e da visão das divisões, é inevitável na medida em que os critérios ditos ‘objetivos’, [...] são utilizados como armas nas lutas simbólicas pelo conhecimento e pelo reconhecimento: eles designam as características em que pode firmar-se a ação simbólica de mobilização para produzir a unidade real ou a crença na unidade [...] que [...] tende a gerar a unidade real. Em suma, os veredictos mais ‘neutros’ da ciência contribuem para modificar



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

o objecto da ciência: logo que a questão regional ou nacional é objectivamente posta na realidade social, [...] qualquer enunciado sobre a região funciona como um *argumento* que contribui [...] para favorecer ou desfavorecer o acesso da região ao reconhecimento e, por este meio, à existência. (BOURDIEU, 1989, p. 119-20).

Entre as transformações materiais e imateriais estão os espaços, as culturas e as etnias nas formas como a construção é percebida pelos discursos de domesticação da natureza que são produzidos sobre a região.

Albert Memmi (2007, p.56), afirma que “Os escritores dispõem de um recurso maravilhoso, o imaginário, que lhes permite fingir. Atribuem a personagens fictícios o que eles próprios sentem e pensam”. O mesmo autor enfatiza que cinquenta romances do mesmo período colocados um ao lado do outro são mais ricos em revelações do que toneladas de papel jornal impresso sob uma ditadura. Assim, notadamente percebemos que a forma irônica e lúdica das fotomontagens também tem um caráter libertador de um discurso aprisionado pelo fantástico e maravilhoso das crônicas dos viajantes europeus.

O autor das fotomontagens analisadas, assim, consciente como parece, com o papel do escritor dentro de seu âmbito de atuação, encontrou espaço nessa “brincadeira”, para zombar do estereótipo fabricado pelo imaginário eurocêntrico.

Conclui-se que a representação da Amazônia na perspectiva exógena (visão externa) em contraponto com a endógena (visão interna) que acaba, muitas vezes, sendo ideologicamente interpretada com a finalidade de silenciar as representações locais, o que pode ser considerado como uma forma de descolonização, conforme Franz Fanon (2005) preconiza em sua obra: “O colonialismo não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e de todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila”.



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Pode-se afirmar que os discursos (fotomontagens) veiculados têm um caráter descolonizador, como o próprio Fanon afirma: “O intelectual quando escreve para seu povo deve escrever no sentido de resgatar a esperança, de mostrar às margens que tem muito a tecer com o centro. (FANON, 2005).

Os autóctones criam uma relação com o seu espaço de vida, com seu lugar, se identificam com ele e não experimentam o distanciamento necessário para construir uma visão amazônica ou de uma paisagem amazônica aos moldes do “ouvir dizer”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre . “Sobre o poder simbólico.” In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1989. pp. 7-15.

\_\_\_\_\_. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região.” In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1989. pp. 107-32.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo, SP: EDUSP, 1996.

ENTRIKIN, J. Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. *Boletim de Geografia Teórica*. Vol.10 no 19. Rio Claro, SP, 1980. pp. 5-30.

GOMES, Paulo César; CORRÊA, Roberto. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1995. pp. 207-238.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo. Marco Zero, 1994.

COSTA, Helouise. *Um olhar que aprisiona o outro. O retrato do índio e o papel do fotojornalismo na Revista O Cruzeiro*. Revista Imagens no 2. Campinas, SP, ago./1994.

BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por*



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

*meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa.* Dissertação (Mestrado) Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. São Paulo, 2002.

FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Trad. De Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora. Ed. da UFJF, 2005.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MICHILES, Aurélio. Zapping amazônico. Amazônia, Brasil? *Revista USP no 13*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, março/abril/maio de 1992. pp. 58-60.

RONDONIAGORA. Lá em Rondônia é assim – Internautas inundam redes sociais com fotomontagens sobre “estilo de vida” rondoniano. Rondônia, 2011. <http://www.rondoniaovivo.com/> acesso em 10 de novembro de 2011.